



**O VIVIDO NA PRODUÇÃO ARTÍSTICO-LITERÁRIA DE JOSÉ GENÉSIO
FERNANDES:**

da taipa do fogão para o mundo

Maria Leda Pinto | UEMS / Docente - PROFLETRASUEMS
Léia Teixeira Lacerda | UEMS / Docente - PROFEDUC UEMS

INTRODUÇÃO

Neste texto buscamos refletir sobre a autobiografia poética, de José Genésio Fernandes, *Da Taipa do fogão*, elaborada no final da década de 1990. Essa autobiografia revela um homem sensível, artista das palavras, leitor dedicado e artista plástico singular, que pinta em telas seus sentimentos e sua amorosidade pela vida e pela natureza, dando materialidade a seres fantásticos, colocando o seu Outro diante de janelas que se constituem em enunciados dialógicos, como nos ensina Bakhtin (2016). Em se tratando de um pós-doutor em literatura e semiótica, logo na abertura do texto apresenta a sua trajetória de vida — ao estabelecer uma inter-relação com a sua experiência leitora — em que podemos elencar as obras de Guimarães Rosa, Paulo Freire, Jorge Borges, Proust e histórias de seres fantásticos, entre outras.

O autor constrói o registro da sua história de vida a partir de uma analogia com o primeiro e único livro da sua infância, a bíblia. Contexto em que nos apresenta a sua visão de mundo — da infância à adolescência — por meio de uma reflexão em que revisita o sentido do seu próprio nome, a partir de personagens bíblicos e de pessoas do cotidiano, construindo assim a sua identidade. Evidencia, assim, a dimensão e o lugar que essas *personas* ocupam no seu imaginário, tanto na sua produção literária quanto na produção artística das suas infinitas telas.

Nesse movimento dialógico e simbólico, o autor chega ao Imperador de Roma Diocleciano para nos mostrar a antítese entre o seu primeiro e segundo nome, ou seja, entre José e Genésio. Também, registra ao leitor o seu enfrentamento com a burocracia do cartório para regularizar o seu nome completo, em uma de suas primeiras viagens para entender a alquimia da sua identidade e do seu caráter.



A sua trajetória em busca de liberdade ganha força e se evidencia por meio da relação estabelecida com o primeiro momento de leitura presenciado por ele diante da concentração de seu pai ao ler o jornal da embalagem do pão que trouxera da cidade. Assim, mesmo diante do trabalho pesado na roça não se furta a criar sonhos, estruturando desejos no silêncio de seus pensamentos e, sobretudo, a sua capacidade criativa ao observar o envolvimento do pai, “pitador meticuloso” – que deixa o cigarro se queimar entre os dedos, na solenidade do ato de ler – aproximando-se à “queima do palheiro”.

Sentado na *Taipa do fogão* de barro entre as figuras metafóricas e os dados do contexto social em que vive, apresenta as suas diferentes experiências do vivido. Entre elas está a lida do trabalho na roça que se constitui em um movimento de ruptura entre o sagrado e o profano, entre o acatar das ordens paternas e a desobediência experienciada na plantação de milho e na curiosidade sobre os fenômenos da natureza, representado pelo “alo amarelado circundando o sol, assim como um imenso olho sobre nós. Coisa sinistra! E do céu.”

Como foi grande o desespero infantil para compreender o que estava acontecendo na natureza, diante da resposta inusitada de seu pai “que aquilo era o sinal do fim do mundo... o mundo iria acabar”. No entanto, a sua esse desespero não foi prontamente dirimido, pelo pai que desfez a sua percepção ao explicar o “juízo final à prestação: é sinal de chuva! Círculo no sol é sinal de chuva”, intensificando a sua angústia e seu estar em si, com um movimento reflexivo para compreender esses fenômenos.

Um dos aspectos que mobiliza o leitor a refletir sobre esse texto autobiográfico, é a capacidade do autor em estabelecer uma leitura do vivido, por meio da leitura dos teóricos citados, tendo em vista que apresenta os falares e a cultura do povo mineiro – destacando os códigos culturais, religiosos, os valores, a noção de hierarquia entre as diferentes relações de parentesco no cotidiano da roça e nas alteridades.



Em uma fronteira tênue entre a relação e a representação que o autor tinha da mãe, amplia a sua identidade ao observá-la em diferentes momentos dos afazeres desenvolvidos no lar. Nessa fronteira, identificamos o desejo de beleza cultivado pelo autor no vivido que se materializa na convivência por meio da costura, dos remendos das roupas da roça, dos bordados, dos riscos dos desenhos que o inspiraram e/ou inspiram ao longo da vida.

Há passagens no texto em que José Genésio viaja em suas memórias e capta o que foi de mais expressivo quando se refere ao seu processo de compreensão da escrita, ao ser ensinado por sua mãe, Dna. Julia. Os arquivos da memória trazem para ele lembranças vivas de um lápis vermelho que pousa suave em uma folha branca e se movimenta pelos contornos de uma maçã, sua primeira aula de desenho. Nessa relação de alteridade estabelecida com a mãe, relata — “a mão de minha mãe ginga, dança: a maçã agora cheira, tem engajo de duas folhas. Vem lá de longe da Argentina, em sedoso papel anil.” Esse aspecto é o desejo de beleza se constituindo na vida do autor, em diferentes dimensões por meio das suas primeiras garatujas.

No entanto, a representação da fruta desejada também indica as dificuldades financeiras expressas no discurso de sua mãe: “É para repartir, que isso aqui é uma vez na vida e outra na morte. Cada um come o seu e babau! Não tem mais.”

Em tempos de pandemia do Covid-19 também podemos refletir entre as fronteiras da vida e da morte por meio das figuras mitológicas de Tânatos e Eros, a partir da visão que o autor tinha dos afazeres da sua Tia Jorgina, que em sua concepção assim a apresentava, “era parteira e contava histórias de Jesus puxando a vida e empurrando a morte”. Neste momento histórico em que há muitas pessoas lutando pela vida em seus lares, nos hospitais e em diferentes lugares do planeta, é possível também fazer uma analogia entre o momento do nascimento de uma criança e a luta pelo renascimento e a cura dessa enfermidade.

José Genésio constrói essa alegoria, primeiro no seu imaginário e posteriormente descreve-a com profundo sentimento de choro ao presenciar o



momento do trabalho de um dos partos de sua mãe. Nessa cena há elementos do contexto social que se apresentam por meio de signos que representam a sua visão de mundo e da Tia Jorgina, personagem que canta e encanta ao trazer ao mundo uma criança, vinculada a uma ordem discursiva que tem por preocupação e zelo enaltecer essa nova vida e distanciar-se do sentido da morte, em uma época que historicamente havia poucos recursos e os nascimentos eram realizados em casa com o apoio das mulheres parteiras.

Esse texto autobiográfico ainda inconcluso, conforme afirma José Genésio, o aproxima do sujeito Bakhtiniano, que se constitui na incompletude de seu Outro. Além disso, se destacam nessa identidade – o professor de literatura e semiótica, o leitor e o artista das palavras em uma inter-relação com a sua produção artística e literária. Assim, sua identidade leitora é representada em suas telas, que conduzem o olhar de quem as contempla ao contexto histórico e social, imaginado e vivido, instigando o imaginário do seu Outro em diferentes dimensões da vida e do espaço que ocupa no mundo.

Spinoza (2004) ao refletirmos sobre os valores da virtude na constituição do sujeito é possível estabelecer uma analogia entre o cidadão José Genésio, a sua produção artística e o contato que mantém com o Outro. Neste movimento interacional e generoso o autor partilha conosco saberes e conhecimentos que nos levam a compreender e construir perspectivas de sonhos e mudanças diante mundo.

Dessa perspectiva, Merleau-Ponty (1999) nos ensina que a percepção/reflexão sobre Si e o Outro é um movimento que constitui o nosso processo identitário, considerando a exteriorização e a interiorização, ações que para ele resultam no verdadeiro *espírito*. Nessa inter-relação que José Genésio estabelece entre sair de si e entrar em si, evidenciada em suas produções, há um trabalho de escuta, de interpretação, de luta, de crítica e, sobretudo, de doação e generosidade com esse Outro.



Esta homenagem a José Genésio Fernandes tem seu lugar pelas inúmeras contribuições que tem feito aos pesquisadores(as) da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, tanto no Curso de Pedagogia quanto nos Programas de Pós-Graduação *Stricto Sensu* nas áreas de Educação e Letras, com a cedência generosa de suas telas para a ilustração da campanha de divulgação da Jornada Brasileira de Educação e Linguagem, com a obra: *Cabeça de Estudante* (2008), concebida a partir da leitura da passagem de um romance intitulado *Retrato do artista quando jovem*, de James Joyce (2016). A passagem refere-se ao momento em que o jovem Stephen Dedalus, discordando de uma “vocação” imposta pelo seu mestre, descobre o que queria fazer de sua vida.

Além disso, sua arte está presente nas diferentes capas das publicações feitas em livros e nos volumes da Revista Brasileira de Educação, Cultura e Linguagem, constituindo assim a identidade científica, estética e cultural do evento e das produções que têm como marca o debate da contradição, da contracultura, da (des)construção e reconstrução do conhecimento e da existência de ser e estar no mundo. Essa estrutura está voltada à preservação da história, da memória, das invenções e das tradições culturais do povo brasileiro e, sobretudo desta região tão singular que possibilita reflexões sobre problemas vivenciados pela população.

Esse movimento que instiga ao Outro pode ser vivenciado ao visitar o acervo das obras de José Genésio que estão sob a salvaguarda do **Arquivo da Memória da Palavra dos Povos Pantaneiros**, vinculado ao **de Documentação de Educação, Linguagens e Diversidade Cultural de Mato Grosso do Sul**, coordenado pela Profa. Dra. Kátia Cristina Nascimento Figueira, vinculado ao Grupo de Pesquisa: Educação, Cultura e Diversidade, que se constitui em um espaço que abriga material de pesquisas produzidas em diferentes regiões de Mato Grosso do Sul, pelos pesquisadores da UEMS e das demais IES Sul-Mato-Grossenses.

Esse Arquivo — concebido pelos pesquisadores: Prof. Dr. Giovani José da Silva, Profa. Dra. Léia Teixeira Lacerda; Profa. Dra. Maria Leda Pinto e Prof. MSc. Paulo



Goulart Júnior está sediado na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, na Unidade Universitária de Campo Grande e produz fontes orais que possibilitam, aos pesquisadores e aos Programas de Pós-Graduação da UEMS, novas pistas, novas pesquisas e ações, bem como disponibiliza esses dados para outros pesquisadores, instituições e Programas de Pós-Graduação, que queiram ampliar a compreensão sobre a vida do povo brasileiro e o seu contexto sociocultural.

Seu texto, *Da taipa do fogão* é um convite aos leitores para conhecerem uma história de vida singular, inteiramente vinculada às diferentes linguagens artístico-literárias e as visões de mundo do autor. Como afirma Fanny Abramovich “[...] uma boa história nos transforma e nos transporta, com suas inventivas e encantadas asas de papel”. Assim são as produções de José Genésio... Uma profusão de cores, ritmos, sentimentos, janelas, seres fantásticos com ações mobilizadoras em provocar o olhar de quem as contempla.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Asas de Papel** (escrito exclusivamente para a Formato). Formato outdoor, São Paulo, (S. D).

BAKHTIN, Mikhail. **Os Gêneros do Discurso**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016.

FERNANDES, José Genésio. **Da Taipa do Fogão**. Mimeografado. Campo Grande, (S.D).

JOYCE, James. **Um retrato do artista quando jovem**. Trad. Caetano W. Galindo. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2016.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. Trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

SPINOZA, Benedictus de. **Tratado da Reforma da Inteligência**. Trad. Lívio Teixeira. São Paulo: Martins Fontes. 2004.